

A NATUREZA DA MODALIDADE ORAL

Giselly Duarte Ferreira (UERJ)
giselly.duarte@gmail.com
José Mario Botelho (UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de mostrar a natureza da linguagem oral, e para isso é necessário enfatizar as suas particularidades, as quais têm sido consideradas dicotomias entre as duas modalidades da língua: oralidade e escrita. Para isso, partimos do princípio que a linguagem oral se caracteriza basicamente por ser falada e ter um vocabulário limitado, que parece ser-lhe específico. De fato, há algumas particularidades na oralidade, como é o caso da gesticulação e a expressão facial ou corporal. Também é um fato que, na oralidade, o falante monitora o seu discurso no mesmo momento da reprodução, e, em consequência dessa simultaneidade na produção e reprodução da fala, as estruturas frasais normalmente apresentam uma sintaxe menos elaborada. Outra particularidade da linguagem oral que é de suma importância é o fato de o falante ter o controle da comunicação no momento de sua concretização, pois ele pode fazer a correção da informação imediatamente. Certamente, essa característica, que torna eficaz o ato comunicativo e é, portanto, uma vantagem da linguagem oral. Por isso, para entender melhor a natureza da linguagem oral, é necessário levar em consideração os parâmetros utilizados por Chafe, que são respectivamente: variedade do vocabulário, nível do vocabulário, construção de orações, construção de frases e envolvimento e distanciamento.

Palavras-chave:

Natureza da oralidade. Particularidades. Práticas sociais. Sistema da língua.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é mostrar a natureza da linguagem oral, e para isso é necessário enfatizar as suas particularidades, as quais têm sido consideradas dicotomias entre as duas modalidades da língua: oralidade e escrita. Entretanto, é mister ressaltar que este trabalho não tem interesse em demonstrar que tais modalidades são diferentes. Mas, ao se

trabalhar as suas naturezas, chega-se à conclusão de que as linguagens oral e escrita são particulares e não, distintas propriamente, já que não são estanques.

De modo geral, ambas as modalidades se referem a um mesmo sistema de possibilidades discursivas e, por isso mesmo, apresentam elementos comuns, o que faz com que esses modelos apresentem mais semelhanças entre si do que diferenças.

Considerando tão somente o seu processo de elaboração textual, essas modalidades se nos apresentam diferentes, porque têm processos diferentes e características particulares. Entretanto, os seus produtos – os vários gêneros textuais, que compõem as práticas linguísticas de uma dada comunidade – apresentam-se semelhantes. Principalmente, quando dispostos num *continuum* tipológico, que considera o texto mais formal – protótipo da linguagem escrita – ao mais informal, e o texto mais coloquial – protótipo da linguagem oral – ao menos coloquial. (Cf. MARCUSCHI, 2001, p. 41; e BOTELHO, 2012, p. 49).

De fato, as modalidades oral e escrita não devem ser estudadas de forma dicotômica, pois é nos usos da língua que o seu estudo se funda. E, como práticas sociais, não são distintas, elas são semelhantes, pois se apropriam de um único sistema linguístico, que é a língua. Logo, os elementos básicos da oralidade e da escrita não pertencem exatamente a essas modalidades; eles são propriamente elementos da língua, dos quais os usuários se apropriam de forma adequada ao gênero textual que lhes convém no ato comunicativo propício.

2. Caracterizando a natureza da linguagem oral: os parâmetros propostos por Chafe

Para entender melhor a natureza da linguagem oral, é necessário levar em consideração os cinco parâmetros utilizados por Chafe (1987), que são respectivamente: variedade do vocabulário, nível do vocabulário, construção de orações, construção de frases e envolvimento e distanciamento.

A variedade do vocabulário se refere às escolhas de palavras ou estruturas que o usuário faz para expressarem suas ideias (O falante precisa ter um bom conhecimento da linguagem para que o receptor possa compreendê-lo.). Certamente, a linguagem oral tende a ter um vocabulário limitado em consequência da contensão bem característica da fala,

que é rápida, e de o fato de seu planejamento e sua execução serem simultâneos. Daí, o falante assimilar um número razoável de itens lexicais.

Quanto ao nível do vocabulário, que se refere à adequação dos itens lexicais a cada modalidade, Chafe acredita que há palavras e expressões particulares de cada uma delas. Logo, para Chafe, o repertório da linguagem oral é menor e diferente do da linguagem escrita.

De fato, verificam-se distintos registros linguísticos (do mais coloquial ao mais formal), e o usuário procura selecionar os itens adequadamente, de acordo com o gênero textual e o registro em suas interações sociais, mas não de vocabulários diferentes. Como afirma Botelho (*Op. cit.*, p. 44), ambos os usuários – escritor e falante – bebem da mesma fonte, a língua, que é um sistema de possibilidades, e nada lhes impede de usar itens que é muito comum em uma na outra.

Como terceira característica, temos a construção da oração, que se refere aos tipos de combinações que se estabelecem entre as palavras e expressões linguísticas. Para a linguagem oral, Chafe (*Op. cit.*) toma, como referência, a oração gramatical, mas em termos de “unidade de entonação”. As propriedades dessa unidade de entonação são: a) contorno entonacional simples e coerente; b) pausa entre as “unidades de ideias”; e c) constituição de uma frase simples, que pode ser uma expressão fragmentada.

Chafe afirma que a unidade de entonação (ou de ideias) limita a frase em um número de até seis itens lexicais, que tem a ver com a conveniência vocabular do falante em si. Logo, tal unidade entonacional se relaciona com o vocabulário, sua limitação e seu nível.

Quanto à construção de frases, que diz respeito à utilização de conectores de estruturas frasais, o autor observa que, na oralidade, as frases não são bem planejadas, em virtude do mínimo tempo e do pouco esforço de sua elaboração.

Pode-se observar que a construção de frases da linguagem oral está diretamente ligada a uma simplicidade sintática evidente. O falante do português faz uso preferencialmente de estruturas coordenadas e, especialmente, com o conector “e” (conjunção ou modalizador discursivo) e com o modalizador “ai”.

Por último, o envolvimento e o distanciamento, que se referem ao relacionamento entre o emissor e o receptor. Tais propriedades da oralidade e da escrita têm sido caracterizadas como dicotomias, uma vez que

o receptor da linguagem oral é diferente do receptor da linguagem escrita. A audiência da oralidade normalmente está presente e pode participar efetivamente do processo, enquanto o leitor da escrita normalmente está ausente e, não raro, é desconhecido.

Chafe, por exemplo, caracteriza o envolvimento e o distanciamento como propriedades dicotômicas, já que na oralidade, segundo ele, há um envolvimento do falante com a sua audiência, consigo mesmo e também com a realidade do que se fala, e na escrita, um distanciamento, pois lhe faltam tais aspectos.

Botelho, contudo, ressalta que esses aspectos de envolvimento e de distanciamento não são determinados de forma cognitiva, mas sim, de forma contextual, e podem, pois, serem anulados com um conteúdo apropriado. Por exemplo, o uso da 1ª pessoa do singular caracteriza um envolvimento consigo próprio; o de 1ª pessoa do plural ameniza tal envolvimento e o de 3ª pessoa o elimina propriamente. O uso de advérbios de tempo e de lugar ou de orações adverbiais têm matizes diferenciados de distanciamento. Nada impede de o falante ou o escritor de fazer uso de tais aspectos, já que não constituem traços essencialmente da oralidade nem da escrita. Logo, envolvimento e distanciamento não são traços que diferenciam as modalidades da língua e podem ocorrer tanto na fala como na escrita.

Grosso modo, pode-se dizer que o envolvimento é um traço mais comum à linguagem oral do que o distanciamento.

3. Aspectos da oralidade

Segundo Botelho, a seleção dos itens gramaticais é uma das características mais importantes de ambas as modalidades, pois as duas se utilizam da mesma fonte:

(...) embora não seja a linguagem escrita a transcrição da linguagem oral, não se pode negar a semelhança de seus produtos, que podem expressar as mesmas intenções, já que a seleção de elementos linguísticos de ambos se dá a partir de um mesmo sistema gramatical. (BOTELHO, 2012, p. 84)

O aspecto mais importante da oralidade é que ela é produzida de forma diferente da escrita, pois o processo de uma é diferente do da outra. De fato, ambas têm características particulares e não, diferentes. Outro ponto que se destaca é que durante a fala há uma aproximação, entre o falante e o receptor, isto é, o envolvimento entre eles é maior.

Outra particularidade muito importante da oralidade é o fato de um indivíduo falar e os outros ouvirem, diferentemente do que ocorre na escrita: alguém escrever e os outros leem. Essas características são essencialmente particulares.

De acordo com Chafe, “as pessoas não escrevem do mesmo modo que falam”. Notemos, então, que as pessoas também não falam do modo que escrevem, pois se tratam de processos distintos.

Além disso, a linguagem oral pode existir sem a linguagem escrita; a linguagem escrita, em contrapartida, não pode existir sem a linguagem oral, uma vez que todos os textos escritos se relacionam direta ou indiretamente com a oralidade.

Na oralidade, é muito frequente o uso de modalizadores discursivos como “ai” do que conjunções do tipo “que”, “mas”, “porém”, que são muito comuns na escrita. Porém, nada impede o falante de usar elementos da escrita na oralidade e vice-versa. Até mesmo porque, no processo de aprendizagem da escrita sistematizada e de seu desenvolvimento, dá-se um ciclo de influências de uma linguagem sobre a outra. É muito comum encontrarmos marcas da oralidade nos textos escritos num primeiro momento, e marcas de escrita nos textos de oralidade, num segundo momento (Cf. BOTELHO, *op. cit.*, p. 59-74).

O fato do usuário se utilizar de elementos comumente encontrados na escrita em textos da oralidade é normal, porque o sistema é único. Daí, a língua se definir como um sistema de possibilidades linguísticas, que se faz através de normas bem constituídas, que são as normas gramaticais.

Segundo Botelho, Chafe afirma que o vocabulário da fala é inovador e, por conseguinte, flutuante; já o da escrita é conservador. “Certamente, o vocabulário da escrita retém seus itens lexicais consagrados e pode receber eventualmente os itens lexicais do vocabulário da fala, acomodando-os perfeitamente”. (BOTELHO, *ibidem*, p. 79)

Chafe também afirma que o vocabulário da fala e o da escrita constituem vocabulários diferentes. Entretanto, este fato é questionável, pois o fato de termos mais tempo para reproduzirmos um texto escrito não quer dizer que a escrita tem um vocabulário e a oralidade outro. O que se pode dizer é que o modo de buscarmos as palavras específicas aos gêneros a serem produzidos é um modo diferente. E esse fato pode estar relacionado com a rapidez que temos para reproduzir a fala. Isso acaba por tornar o vocabulário limitado na oralidade, o que não ocorre na escri-

ta, para a qual o vocabulário é amplo, ou seja, o disponível nos dicionários.

Botelho, contudo, acredita que os repertórios não são diferentes, embora admita que ocorra uma variação no grau de formalismo ou coloquialismo por parte do usuário. O fato é que nos vários gêneros de ambas as modalidades se podem observar um enorme número de itens comuns às duas práticas, que o próprio Chafe chamou de itens neutros e admitiu ser a maioria dos itens de cada vocabulário.

Mais tarde, em outro trabalho com Tannen, o autor admite que alguns tipos de linguagem oral podem ser reproduzidos na escrita e alguns de linguagem escritas são utilizados na fala. Certamente, às vezes as pessoas praticamente representam a escrita na oralidade e vice-versa. É o caso de quando as pessoas apresentam comunicações acadêmicas; elas leem o texto que foi escrito para ser proferido. Mais tarde, reelabora aquele texto em forma de um artigo acadêmico, que deverá ser lido por outros.

Há algumas particularidades que caracterizam a linguagem oral como uma modalidade específica da língua, por exemplo, a gesticulação, a expressão facial e corporal. Estes artifícios, que são usados naturalmente, são elementos exclusivos da linguagem oral, os quais não se reproduz exatamente na escrita.

Também são particularidades da oralidade a fluidez das ideias e a velocidade da produção oral, as quais são simultâneas durante o processo de elaboração.

Outra particularidade da linguagem oral é o fato de o falante ter o controle da comunicação no momento de sua concretização, pois ele pode fazer a correção da informação imediatamente, caso seja necessário, devido a algum motivo, como por exemplo, a falta de compreensão do interlocutor. Essa característica, que torna eficaz o ato comunicativo e é, portanto, uma vantagem da linguagem oral, possibilita uma outra particularidade da oralidade: a cooperação mútua entre os participantes da comunicação.

E essa cooperação – conhecimento compartilhado entre os participantes – também possibilita outra particularidade: a simplicidade sintática, que também determina outras particularidades da oralidade.

A simplicidade sintática é considerada uma tendência dos falantes em produzir sequências simples, de frases curtas, por vezes incompletas, usando as estruturas coordenadas, evitando assim as subordinadas que

são típicas da escrita. De modo geral, a sintaxe da linguagem oral é menos elaborada do que a escrita e não utiliza estruturas encaixadas.

Levando em conta que há também uma limitação no vocabulário da oralidade, em virtude do mínimo tempo para o seu planejamento, ocorre normalmente a repetição de termos ou a substituição por um pronome do tipo “ele”.

4. Conclusão

De certo, existe um gênero textual prototípico da oralidade e outro, da escrita. O protótipo da oralidade é o “bate-papo” – conversa espontânea –; o da escrita é o “texto acadêmico”. Por isso, não convém comparar oralidade e escrita, tomando como objetos da comparação os protótipos de cada uma dessas modalidades da língua. Se analisarmos oralidade e escrita a partir de tais protótipos, encontraremos diferenças, porque eles são produtos realmente diferentes. Todavia, se analisamos os diversos produtos de cada uma das modalidades a partir de um *continuum* tipológico, tais diferenças deixam de existir.

Considerando as linguagens oral e escrita as duas modalidades de uma dada língua, esperamos ter demonstrado que a linguagem oral se distingue da linguagem escrita, já que cada uma delas tem as suas particularidades. Contudo, compreende-se que a diferença básica entre a oralidade e a escrita é o processo, já que uma é falada, sai pela boca e chega aos ouvidos enquanto a outra sai do papel e chega nos olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiaí: Paco, 2012.

_____. A natureza das modalidades oral e escrita. In: SILVA, José Pereira (Org.). *Filologia, linguística e ensino*. Tomo 2, V. IX, n. 03. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005. p. 30-42. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>>.

_____. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. In: SILVA, José Pereira (Org.). *Produção e edição de textos*. V. VIII, n. 7. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. p. 57-69. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-05.html>>.

CHAFE, Wallace; DANIELEWICZ, Jane. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (Eds.). *Comprehending Oral and Written Language*. New York: Academic Press, 1987, p. 83-113.

CHAFE, W.; TANNEN, D. The relation between written and spoken language. *American Anthropological Review Antropol*, 1987, p. 383-407.

FÁVERO, Leonor Lopes et al. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.